

O DOMINGO.

SEMANARIO CRITICO E LITTERARIO.

AS ASSIGNATURAS SÃO PAGAS ADIANTADAS.

Editor e proprietario A. Azevedo.

ANNO II.

Este jornal publica-se aos domingos—Assigna-se, a 25000 por trimestre, na typographia do Paiz, Largo de Palacio n. 17.

NUMERO 5.

O DOMINGO.

MARANHÃO, 9 DE FEVEREIRO DE 1873.

O alpendre dos Remedios.

(NECROLOGIA).

Quando se vêem na imprensa columnas e columnas de seus jornaes occupadas por pomposos elogios funebres, já á notabilidades humanas, já á frondosas arvores seculares, não será de estranhar que um humilde escriptor venha por momentos occupar a benevolenta attenção dos leitores, e sobretudo, das piedosas leitoras do *Domingo*, afim de derramar uma lagrima de saudade á memoria de um velho monumento que acaba de desaparecer da face da terra.

Foi domingo. A tarde dirigi meu passeio,segundo costume, para os Remedios.

Ali demorei-me a observar os bustos e torsos de columnas, grades e pilastras espalhados pelo largo, quando a voz de um transeunte fez-me voltar a attenção para outro lado.

—O alpendre?

Embalde procurei-o com a vista.

Arrasado! foi completamente arrasado!

FOLHETIM DO DOMINGO.

O mestre-eschola.

POR

PAULO DE KOCK.

(trad. por A. A.)

Era um homem de quarenta annos, pequeno, magro e que, pelo habito, do trabalho, havia arqueado, o que, mesmo de longe, contrafazia-lhe o ar. Sua physionomia era bem pronunciada: seus olhos pequeninos e pardos, o seu nariz era immenso e grande a boca, onde constantemente errava um sorriso ironico; os cabellos embranqueciam-lhe já, e tornavam-se raros no meio da frente; emfim, Mathias,—era este o seu nome,— nada devia a Diogo; porém quando o nosso heroe animava-se, fallando ás turbas, quando o amor da sciencia lhe esquentava o discurso, seus olhos tornavam-se brilhantes, as bochechas perdiam a palidez habitual, e aquella figura, desagradavel alguns momentos antes, tor-

Comprehensão, calculem, imaginem o terrivel alcance d'esta palavra, medonha como uma phrase de Victor Hugo.

Não dei um grito, não soltei um convulsivo gemido, porque a dor sem limites é muda; fiquei immovel, hirto, desvarado,

não fiquei homem, não, mas mudo e queto,

ante a desolação d'aquelle quadro!

Muito tempo levei suspenso, até que sobrevindo a noite, adiantei-me lentamente para o sitio onde estivera o alpendre. Tão impossivel me parecia a idéa de que derrubarião aquellas velhas columnas que eu, á similhaça dos somnambullos, adiantei-me suppondo ir esbarrar com as paredes do alpendre e assim quebrar a visão que me surprendera.

Mas qual! A realidade mostrou-se-me nua como sempre! Um quadro de terra revolvida de fresco, indicava os limites do alpendre.

Cruzei os braços, baixei a frente e... e chorei, charissimo leitor, chorei! como Jeremias sobre os muros de Jerusalem a maldita, eu chorei sobre as ruinas do alpendre dos Remedios. Possuisse eu a lyra de Tasso que o levantaria em versos

nava-se magicamente quasi seductora, tal era a expressão e a graça.

O Sr. Mathias não era mais que um pobre mestre-eschola da aldeia de Couberon. Seus unicos discipulos eram paysanos que abandonavam-no quando sabiam ler a seu modo e assignar o seu nome. Isto desconsolava sobre modo o Sr. Mathias, que era um sabio, que tinha levado a vida a estudar, o que queria, ao menos, que os thesouros scientificos que guardava, aproveitassem ao proximo, já que elle proprio os não havia aproveitado. Mathias era muito pobre; dispous o pouco dinheiro que tinha para a compra de livros: estudava emquanto os mais se divertiam: a velhice tinha-lhe vindo sem presentia, porque vac depressa o tempo quando se estuda. Emfim, o Sr. Mathias, para poder viver, via-se obrigado a ser mestre-eschola em Couberon.

Orgulhoso dos seus conhecimentos, alimentava-se o Sr. Mathias de illusões: os sabios temnas tambem, como nós, homens vulgares: eis

immortaes que, perfurando os seculos como a alavanca perfura um tunel, levam á posteridade o nome querido do fallecido alpendre. Ainda assim eu desaffio a quem sinta dôr mais legitima, a quem verta lagrimas mais amargas do que as minhas!

Vinde illustrados escriptores e espirituosos folhetinistas que chorasteis sobre os troncos das arvores cortadas pelo alinhamento do Sr. Paulino; vinde todos e *videt si es dolor sicut dolor meus.*

Um de vós pintou com tristes côres o quadro de meia duzia de machados, manejados por nervosos braços, a cercearem pela raiz os troncos annosos das arvores do Quartel; vêde se não é mais triste e commovedor este outro de duas duzias de alavancas e outros tantos martellos, á derrocar paredes e despregar ripas!

Se foi prejudicial o cordão do Sr. Paulino para as arvores, não foi menos bárbaro para o alpendre o traçado do Sr. Oliveira, mormente quando a questão suscitada a respeito da collocação da estatua podia dar mais alguns dias de existencia ao malfadado alpendre, que este anno mal chegou a ver reverdecer com as chuvas o capim que o cercava e en-

as suas palavras ao emponhar a palmatoria da escola da aldeia—A' força de paciencia e de trabalho, vou fazer discipulos, cuja fama será universal. Os aldeões de Couberon não dirão mais tantas asneiras como todos os aldeões; apontar-se-lhas-ha, querer-se-ha saber a causa dessa excepção de regra.

Quando se ouvir um lavrador fallar grego ou uma leiteira oferecer coalhada em latim, procurar-se-ha saber a causa deste phenomeno; ha de se ver a precedencia e ver-se-ha por fim, que tudo parte do modesto professor da aldeia de Couberon, versado em todas as sciencias, possuidor de um mundo de conhecimentos! Procurar-se-me-ha e dir-se-me-ha—Um homem que sabe tudo, não nasceu para vegetar com aldeões; oferecer-se-me-ha logares, empregos, eu distinguir-me-hei pela minha sabedoria; entrarei para a academia, acabarei o dictionario. Enviarei exemplares á todos os soberanos da Europa, que me oferecerão condecorações e penões, e serei muito rico e muito feliz.

cher o Anil que perto corre; nem tão pouco, para mais campastre tornar o quadro, ver pastar o rebanho de cabras do sacristão da igreja.

Saudosas recordações se ligarão áquelle alpendre!

Adeos, guarda-cívica que nunca mais te verei formar de novo! Enquanto existia o alpendre sempre eu conservava uma esperança do que a lembrança das passadas ceias e serenatas fazia fardar-se outra vez os guardas de outr'ora.

Romeos, Julietas, Paulos, Virgíncias, Leandros, Heros da actualidade é preciso escolher outro recanto onde jurar amores. O velho alpendre, que muitas vezes servio de rede em que Vulcanos apanhárão perfidos Martes, não mais vos servirá de ninho.

Jogadores, libertinos e devassos, Jacques Rollas do nosso seculo, cairão os bancos de pedra em que dormeis, de volta da orgia, abateo o tecto que vos abrigava do frio da noite.

Nunca mais elle se ornará de festões auri-verdes e dísticos patrióticos, como ha tempos se ornou!

Por detraz de tuas grades de ferro, ó desditoso alpendre, nunca mais se verá em dia de Remedios, o rosto recém-barbado de Napoleão, depois de distribuir medalhas e litas a seus batalhões!

Mas é preciso conformarmo-nos com os altos decretos da camara municipal no sentido de embellezar o largo dos Remedios.

Como aquelle herbanario de Julio Diniz, que sentia ir um pouco de sua vida á cada arranco da corda que derrubava o castanheiro que o vio nascer, eu sinto

Infelizmente, porém, para elle, nada disto succedia-lhe: seus discipulos não podiam de maneira alguma acclimatar-se com as sciencias: quando Mathias fallava-lhes de *ruizes gregas*, julgavam que se tratava de lavas e rabanetes; adormeciam si Mathias experimentava o estado de latim; não era sem muita difficuldade que elle conseguia ensinar-lhes um pouco da lingua nacional. Todavia os aldeões olhavam-no com veneração e respeito e consideravam-no um homem infinitamente collocado acima delles; esentavam-no satisfeito ás tardes, quando, reunidos nos deliciosos bosques de Montfermeil, ou sob as velhas arvores da floresta de Chelles, repousavam de seus trabalhos.

Então o Sr. Mathias vinha muitas vezes sentar-se no meio delles e lhes dizia:

—«Outr'ora Chelles possuia uma soberba habadia, onde Chilperico encerrava os seus thesouros; antes, porem, desse tempo, no mesmo lugar em que nos achamos, habitavam os Druidas,

despedaçar-se-me a alma a cada pedra arrancada do alpendre; mas como elle tambem sou forçado a soffrer calado porque, si aquellas arvores se arrancavão por assim o exigir o traçado de uma estrada, este alpendre se arrasa porque assim é necessario para o terraplenamento da praça onde se vae erguer um monumento á memoria do primeiro poeta brasileiro.

Somente faço isto para que se não diga que foi inscripto no catalogo (infelizmente longo) das ruinas do Maranhão um monumento, digno de melhor sorte por sua antiguidade e bons serviços, sem que uma alma piedosa lhe viesse desfolhar uma perpetua na lousa de seu tumulo.

Agora só me resta pedir desculpa aos leitores por bavel-os distraído com um assumpto funebre, dirigir ao céu uma prece para que as projectadas obras do largo dos Remedios não consistão somente no arrasamento do alpendre e rogar a Deos pelo descanso eterno d'este ultimo.

Requiescat in pace.

Maranhão, 3 de fevereiro de 1873.

A. Gabriel.

O filho do carpinteiro.

TRAD. POR AMÉRICO GARDALDI.

III.

(Vid. n. 4.)

Chegara, enfim, o dia do concerto. Eduardo, que devia executar um solo em um dos intervalos, estava vestido de novo da cabeça aos pés; o seu porte elegante e ar sobranceiro collocavam-no acima do vulgar. A sala estava completamente cheia. Era duplo o motivo da concorrência: o praticar de uma boa acção e o prazer,

das, e dellos muitos oráculos... Oh! mas o oráculo mais famoso foi o de Delphis!

E' verdade que a antiga sybilas de Cumas foi tambem muito reputada; ella deixou nove volumes sobre a sua arte; uma boa mulher, que as achou, foi levada a Tarquinio, o antigo; como este regateava muito, ella deitou seis ao fogo e exigiu uma somma consideravel pelas trez restantes. Foram todas queimadas em um incendio do Capitolio.—

Alguns paysanos olhavam-se abrindo grandes olhos, outros fechavam-nos. Um delles, aproveitando uma pequena pausa do Sr. Mathias, aventurou-se a dizer:

—«Oh! sim? oráculos queimados no... no... Diga-me cá, Sr. Mathias, teremos agra amanhã?»

O mestre-eschola suspirava e encolhia os hombros; mas o praser de espalhar os seus doutos conhecimentos obrigavam-no a responder:

—«O deus dos trovões bem pôde lançar seus raios. Jupiter está irritado! Todo o Olympo

que esperava ter o publico, de applaudir uma creança. Muller, sentado a meu lado, em um camarote de boca, estava radiante e parecia ser o rei da festa. Era aquelle um dos mais bellos dias de sua vida: elle parecia absorvido em sua felicidade.

No intervalo do primeiro para o segundo acto, Eduardo executou o seu solo.

Era a mesma peça que executára em casa de Muller; desta vez, porem, excedera-se o jovem violonista. Ao terminar teve um momento de tremor. A presença, porem, do seu professor, para quem olhara rapida e furtivamente, reanimara-o. Chegara emfim para o bom velho o momento da recompensa de quatro annos de cuidados; o menino, tendo vencido, o mais artisticamente possivel, as ultimas difficuldades da muzica, foi coberto por um chuva de applausos.

Começara o segundo acto.

Moderada a emoção, o publico conservava-se de novo silencioso. O comparsa encarregado de fazer ouvir a detonação de um tiro, havia-se esquecido da deixa. Eduardo, que a conhecia, tomou a pistola e disparou. O tiro foi acompanhado de um grito cruel e prolongado, um gemido destes que pintam a imagem horrivel da morte.

O publico ergueo-se palido e tremulo. Muller, com os braços estendidos, respirava apenas; um secreto palpito disserralle que o grito fóra lançado pelo seu pobre Eduardo.

Um homem appareceu em scena, saudou o publico e disse muito agitado:

—«Tendo rehentado a arma de que se serviu um pobre moço para dar um tiro que exige a contraregra do drama, foram-

estremeece! Juno não ousa afrontar a presença do esposo.

—«Safa! haverá alguma revolução lá acima?»

—«Uma revolução?... a terra faz uma cada dia! sim! Alguma cousa está preparada... o tempo é raras vezes enganador, sobre tudo á quem tem, como eu, intimidade com os astros... Olhem, vejam... na ponta do meu dedo: é *Venus*, um dos sete planetas, o mais visinho do sol, depois de Mercurio, Heata tem a redor de si um circulo negro; os ultimos raios de Phebo não provocaram os trinos da philomela; Clytia curva a cerviz; será resolvida a questão amanhã; antes que cante o passaro de Marte.

O paysano escutava parvamente o professor e allastava-se, dizendo:

—«Nada disso me diz si eu devo regar os meus feijões.

(Continua.)

se-lhe tres dedos da mão direita, pelo que é irremediavel a amputação do braço.

Foi ao Sr. Eduardo, mo jovem violonista que acabastes de applaudir, que aconteceu tão deploravel accidente.

Imaginem os leitores a desesperação de Muller, a dôr dos paes e lamentem o triste destino do esperancoso mancoço.

Th. Midy.

Carta III.

Compadre Estanislau.

Recebi a sua cartinha, a qual veio me dar muito prazer, por ver que o compadre gosava saude. Que continue a gosar a é o que eu lhe desejo, palavrinha.

O compadre é um perfeito maganão. Bem dizia a mulher: *cidade sempre é cidade*. Como já lá se acha, entenda que não deve escrever senão palavras *de alto bordo*, como sejam—*reminiscencia, provisões, alcitre*, etc., para cuja comprehensão foi necessario ir á casa do Sr. Dr. juiz de direito, que, valha a verdade, não pode dizel-as sem ir ao *missionario*, porque vai como o outro que diz que elles entram p'ra academia—barros de cabeça baixa e de lá sahem—ditos de dita levantada.

Palavra que me tentou tudo o que o compadre especificou: *bonds, figuras de cêra, realejos, musicas, cantos, chás e outras trapalhadas!*...

Aquelle *chás* é que me tem dado na cabeça! O que diabo é *chás*, com o seiscentos? Diz S. S., o Sr. Dr. que é chá de heber; mas compadre, si assim é, nesse ponto descobriu V. mel de pau. Olhe que chá também cá temos!

Quanto a sua descripção dos bonds, foi peor a emenda que o soneto, com os seiscentos! Um carro com um *conductor!* Safa! não era o filho de meu paé que lá entrava neste tempo de inverno em que pôde vir ali um raio de S. Jeronimo e castigar os peccados da gente. Não entre nos *bonds*, compadre: *cautella e caldo de gallinha*...

Vejo o que me diz V. das figuras do Bismark, Napoleão, etc.: n'esse ponto, siga o seu conselho: não me metto em politica, com os trescentos.

Seguindo a sua ordem, não castro o novilho, não; a vitela está gorda e boa para se tirar raça della; a mulher teve cinco porquinhos com licença de V. e a porca uma eriança macha que morreu logo; troquei as bellas, mas o que lá está, lá fica. Emende V.

Abençõe seu afilhado, aceite lembranças

de minha mulher e ouça mais esta noticia, com os trescentos.

Para ábril, si Deus quizer, lá estarei: está decidido os taes bonds obrigam-me á ir á cidade, e isto é um pau por um olho, com os seiscentos.

Seu compadre
Francisco.

Sonhei.

Sonhei! que sonho dairado!
Que momento de magia!
O cêo brilhava estrellado,
Serena brisa sorria.

A lua vinha sabindo,
Por entre nuvens doiradas,
—Pallida fada dormindo
Nas vagas assetinadas.

Era n'um prado virente! ...
Bem justo a lympha corria!
Seu doce, terno queixumes
De quando em quando gemia.

Sentado, a fronte abatida,
Seismava. No imo d'alma
Grepitava o fogo intenso,
Do amor que não se acalnia.

De leve senti um beijo
Nos meus revoltos cabellos...
Tremi, busquei abraçar
A virgem dos meus anhelos.

Debalde! não pude vê-la
Quizera lançar-lhe flores,
E, si a vida tem esperanças,
Offerecer-lhe os meus amores.

.....

E hoje quando recorde
Esse fliz e bello sonho,
Sinto que a vida recresce,
Vejo o porvir mais risonho.

Elmano Rivarola.

Paquita.

CONTO SETIMO.

Oração e voto de Adelfina.

(Fragmento lyrico).

Angelita pariu. Alvorecia,
E o sereno clarão da madrugada,
Um momento depois, se reflecta
Num quadro da Senhora Immaculada,

Que, apertando nos braços o menino,
Com divinal amor entre sorria.

Ergueu a ingeza os olhos lacrimosos
Para o painel da Virgem Saero-Santa. —
Como ao naufrago em mares porcellusas
Lhe sorria também a imagem santa, —
E esta supplica, á mão dos affligidos,
Soltara de seus labios fervorosos:

—Mão de Deus, Virgem Santissima.

Protectora da orphandade,
Senhora do cêo, piedade!

Que somos orphãos também!

Já nem paé nem mãe escheço,
Elle é só, como eu, no mundo:
Tem dô d'este horror profundo—
Mãe de Deus, se nossa mãe!

Vem o sol doirando o monte:

Tudo é luz, tudo alegria:

Para nós é que este dia

Ha de ser de luto e dor?!

Teu olhar, estrella d'alva,

Volte, pois, compadecida:

Dá-lhe vida, vida, vida,

Senhora, que és toda amor!

Elle na terra era tudo *

Quanto eu via e quanto amava:

Noite e dia não sonhava

Senão ser d'elle ou morrer!...

Porém salva-o, Mãe Santissima,

Que eu prometto—se o salvares—

Seu amor, a tens altares,

Sacrificar... e... viver!—

Em Parthenope, um dia, a flor singela,
A rustica florinha que chegara
Até pés com o nome de Graziella,
Os cabellos á Virgem offertara,
E, pondo a offerenda nos altares santos,
Do seu amado a volta lhe implorara

Volveu, correndo, o juvenil poeta

E com elle a luz viva e crystalina

Que dera vida a tímida violeta!

A Virgem soccorreu, com mão divina,

A ingenna procitana... —Attenderia

Tambem agora á supplice Adelfina?

A pobre te offerta em sacrificio?—

As loiras tranças do cabello ondado?—

Oh! não! —o amor que lhe brilhou proprio.

Sincero, ardente, puro, acrisolado;

Pois esse proprio amor te sacrificia,

Se lhe salvas, Senhora, o seu amado!

Adelfina ficou com as mãos erguidas

Por largo tempo, aos pés da Santa Imagem:

Depois, elle, solto, meio sumidas,

Quaes doces notas que nos traz a aragem,

Estas palavras, entre-abrindo as palpebras:

«Amiga, irmã, salvaste-me... coragem!»

—Era a vez d'elle, emfim!—tremida, embora.
 «Amiga, irmã, salvaste-me» dizia;
 E, ella, ouvindo-o: «Salvaste-m'ó, Senhora!»
 Também n'um mar de pranto repetia.
 Oh! quem pode exprimir o immenso jubilo
 Que nessa voz e nesse pranto havia!

Um raio de esperança, um só bastara
 Para alegrar-lhe o coração afflicto.
 Dentro de pouco o medico chegara,
 E animado, também, ao ver Pepito,
 Declarou que uma crise favoravel
 N'essa noite no inferno se operara.
 —«E Angelita?—pensava a bella ingleza.
 Pobre Angelita que anhelante espera!»
 Pegou na pena então e á consuleza.
 Em seguida estas linhas escreveu:
 «Venha abraçá-lo e vel-o. Houve uma crise.
 O doutor diz que cada um não desespera.»

Esse dia correu de hora em hora
 Durante a noite o enfermo proseguia
 Com mais claros symptomas de melhora.
 E o doutor affirmara quando o vira,
 Que, a não ser a imprevista recaída,
 Dava por salvo o seu doente agora.

Enquanto fica entregue aos mil extremos
 Da prudente e solícita enfermeira,
 Nós, leitor, novamente procuremos
 Entrever a graciosa companheira
 Do nosso Pepe, a heroína deste livro
 Paqueta, de quem ha muito não sabemos.

Balhão Pato.

CHRONICA.

Sim, chronica!

Aqui é que bate o ponto!

Tudo parece conspirar-se para fazer baquear
 a minha reputação—quasi firmada—de chronis-
 ta de fundamento!

Oh! quanto eu desejára poder começar assim
 esta chronica:

«Precipitam-se os acontecimentos! Por isso
 predisponhata-se os leitores para se aborrecerem
 de novidades.»

Mas qual! só posso dizer exactamente o con-
 trario.

E no entanto a chronica é indispensavel a um
 jornal litterario que procura, como este, concei-
 tuar-se no opinião escrupulosa e franca de leito-
 res esclarecidos.

Porem que remedio lhe hei eu dar? Não é
 por falta de diligencias, porque farei toda a

semana; mas seriamente fallando, perdi o tempo
 e o feitio.

O compositor d'este jornal cruza os braços
 d'impaciente, e n'uma posição calculadamente
 maliciosa parece dizer-me:

«Vae-te catar, Eloy! tu hoje não estás p'r'a
 cousa!»

Começando a desmoralisação assim por casa,
 imaginem os leitores como eu não devo estar
 enfiado!

Todavia o compositor tem razão de sobra, por
 que está sendo testemunha ocular de minha es-
 terilidade, que aliás tem origem na esterilidade
 da semana.

Gonçalves Dias, disse uma vez:

«Meu Deus, Senhor meu Deus, o que ha no mundo
 Que não seja soffrer?»

O humum nasce e vive um só instante,
 E soffre até morrer!

E no entanto o mimoso cantor dos *Tymbiras*
 nunca foi obrigado—que me conste—a fazer
 uma chronica sem assumpto.

Ai si elle se visse n'estes apuros! certamente
 que não saleria definir tão arriscada situação,
 apezar dos seus eminentissimos recursos!

Isto é indizível!

Recorro á minha carteira de notas e... que
 vejo?

—No dia 2 deste mez effectuou-se a festa de
 N. S. do Bem Parto, na igreja da Conceição,
 com a pompa e esplendor do costume.

Que novidade tão velha!...

—Alguns commerciantes audão a jogar as
 cristas por questões monetarias,—o que veio á
toná d'agua depois da falsificação de diversas
 firmas, descoberta ultimamente!

Ora, quem não sabe disto?

—Os *bonds* continuam a descarrilhar sem
 alteração.

Isto é notorio.

—A concorrência á exposição de figuras de
 cera tem crescido extraordinariamente, depois
 que foi reduzido para *dous testões* o preço da
 entrada.

Isto não se diz porque é muito feio!

Domingo proximo será publicado neste jornal
 um artigo sobre as figuras.

E nada mais! Viro e reviro a carteira, folha
 por folha, e... oh!

E' uma só, uma novidade apenas; mas essa
 de grande interesse para os leitores:

Hermenegildo Liguori, o festejado pialista
 que ha poucos dias foi enthuasiasticamente ap-
 plaudido nos salões da *Limitada*, dá o seu se-
 gundo concerto quinta-feira 13 do corrente no
 theatro das *Varietades*.

Ainda uma vez os amadores do mavioso in-
 strumento terão occasião de apreciar o sympa-
 thico artista brasileiro, a quem o jornalismo
 desta e de outras provincias ha tecido os mais
 merecidos encomios.

Alguns curiosos de muito bom gosto, para
 tornarem a festa mais brilhante, prehenberão
 os intervallos, exhibindo uma comedia e diversas
 sortes de prestidigitação.

Tudo está preparado para formar uma noite
 do agradabilissimo recreio.

—E depois d'isto, que mais deverei dizer?

Nada,—que para quem não tinha assumpto
 já é muita chronica.

Ah! esquecia-me:

A camara municipal desta cidade, é a melhor
 de todas as camaras. No que toca á condescen-
 dencia ninguém a excede; e é isto tão exacto
 que milhares de animadjeos erram livremente
 solhos e sem dono pelos largos da cidade e são
 até ás vezes coadjuvados nos seus *nobres instinc-
 tos* pelos seus fiscaos.

Na quarta-feira da semana que hoje finda,
 deu-se um espectáculo *interessantemente comi-
 co* no largo no Carmo:—uma mula e um cavallo
 inutilizados, chegaram a falta e conheceram-se;
 combinaram-se n'um *rendez-vous*; pouco depois
 realisaram ali mesmo uma *entrevista* que foi
 geralmente apreciada pelo povo molecorio que
 não pode deixar de applaudil-a debaixo de to-
 do o estrondo.

Consta-me que o Sr. procurador da camara
 presenciou o *acto solemne*, e, como elle, outros
 cavalheiros que não se dispensaram de commen-
 tal-o naturalmente pelo que n'elle acharam de
edificante.

Ainda:

Terça-feira terminam os exames dos concor-
 rentes ás vagas de praticantes na thesouraria e
 na alfandega. São sete cães á um osso. Os exa-
 mes têm até hoje corrido mais ou menos bem:
 ainda não se falla nos escolhidos. Desejo aos
 mancebos, á quem inda falta prestar o de arith-
 metica—um bom exito.

E *brincando, brincando* arranjer uma chro-
 nica de novidades velhas. Isto é privilegio uni-
 co e exclusivo de

Eloy, o heroe.